

CRÔNICA

Cláudio Ferreira claudioferreira_64@hotmail.com

A cultura do excesso

Essa época de Natal nos leva imediatamente ao mundo das compras. Mesmo quem não se acha consumista, acaba sucumbindo às diversas caixinhas de Natal e às demandas de presentes para parentes, amigos (ocultos ou declarados) e afins. Fora as compras — e encomendas — de comida, para as lutas ceias já planejadas para se transformarem em almoços do dia seguinte.

Nada contra celebrar, reunir e presentear. Mas o final de dezembro sempre me faz pensar que estamos imersos em uma cultura do excesso. Apesar de nos alertar para as preocupações ambientalistas com o exagero no uso do papel, do plástico e de outros materiais, o século 21 adicionou, à vontade de comprar, a necessidade de consumir muito.

Nosso cotidiano está recheado desses exageros. Basta olhar para o crescimento dos atacadões. Um carrinho de supermercado já não basta mais. Nossa demanda agora é por compras enormes, feitas em fardos ao invés de quilos. Criamos espaços em casa para armazenar tudo, sob o argumento de buscar os preços mais baixos, mas com o adicional de olhar para montanhas de papel higiênico e iogurte com uma sensação de conforto.

Mesmo nos supermercados comuns, as embalagens cresceram. Pobre de quem mora sozinho — da

ração para o cachorro ao amaciante de roupas, tudo vem em tamanho gigante. O atrativo é o preço e até nas farmácias têm promoção para quem levar mais remédios do que precisa naquele momento.

O exagero também está no terreno da diversão. Quantos anúncios veremos, nos próximos dias, das festas de fim de ano com “open bar”? A ideia é pagar um preço fixo e ter direito à bebida. Aí, o raciocínio é beber muito, para compensar o ingresso. É a mesma lógica da churrascaria ou da pizzaria a rodízio: só compensa se a gente sair de lá com a certeza de que comeu um boi inteiro ou que a Itália está toda no estômago.

Nada mais natural, portanto, que os excessos do ano inteiro continuem no final. São tantas promoções, tantos sorteios de carros para quem trocar notas de compras, tantos compromissos com direito a muita comida e bebida. “Cada um leva um prato”,

diz a regra. Aí, cada um leva a comida pra todo mundo. E a mesa de iguarias se espalha, com a promessa de que sempre vai sobrar.

Fim de semana passado participei de uma experiência entre amigos que foi no caminho oposto. O exagero ainda foi a marca da comida gostosa, tanto a parte salgada quanto a sobremesa, nesse espírito de que todo mundo vai

comer de tudo. A inovação foi na troca de presentes.

O amigo oculto tinha como regra o desapareço: cada um levou um presente que tinha em casa, que tinha um significado para si, mas que poderia ser repassado. Não era um objeto a ser descartado — era a peça de valor afetivo até, mas que o amigo oculto merecia. A troca foi divertida e não viu ninguém de cara feia.

Quem sabe esse não seja um bom caminho? Reciclar, reutilizar, comprar menos. Não ir com tanta sede aos preços baixos. Não acumular tanto. E trocar bastante. É um exercício difícil de fazer, porque quebrar uma cultura de anos não é simples. Mas acho que não é impossível. Criatividade e desapareço podem andar juntos para transformar nosso jeito de consumir.

